

As atividades de aventura no campo educacional: alternativas metodológicas para as aulas de Educação Física

Adventure activities in the educational field: methodological alternatives for Physical Education classes

Actividades de aventura en el ámbito educativo: alternativas metodológicas para las clases de Educación Física

Recebido: 16/10/2020 | Revisado: 28/10/2020 | Aceito: 01/11/2020 | Publicado: 05/11/2020

Luiz Fernando Badaró

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1344-8413>

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

E-mail: luizbdr@hotmail.com

Vinicius Machado de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1789-8243>

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

E-mail: oliveira_vm@hotmail.com

Verônica Volski Mattes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9599-6618>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Brasil

E-mail: vero_edf@hotmail.com

Pedro Henrique Iglesias Menegaldo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6685-1401>

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

E-mail: pedromenegaldo@hotmail.com

Rafael Augusto Marques dos Reis

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3860-0610>

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

E-mail: raffareis@outlook.com

Neidiana Braga da Silva Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0480-0430>

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

E-mail: neidianabraga@gmail.com

Marcos Roberto Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9915-3856>

UniGuairacá Centro Universitário, Brasil

E-mail: brasilmr@hotmail.com.br

Juliano de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3491-9536>

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

E-mail: julianoedf@yahoo.com.br

Resumo

Objetivo: O presente artigo tem como objetivo expor modelos de ensino das atividades de aventura no contexto das aulas de Educação Física (EF). **Métodos:** O método de pesquisa utilizado foi o bibliográfico, por meio da dinâmica exploratória, somado a utilização da técnica de observação para coleta dos dados empíricos. **Resultados:** Inicialmente, na primeira parte da pesquisa, destacamos a centralidade do esporte a partir da revisão literária que remete à década de 1980, período marcado pelo numeroso contingente de publicações teóricas sobre a EF escolar. Na sequência, na segunda seção do estudo, discorreremos acerca das atividades de aventura em termos conceituais, analíticos e terminológicos. Por fim, na última seção do estudo, apresentamos modelos de ensino sobre as atividades de aventura baseado nas experiências adquiridas junto ao projeto de extensão “Escola de Aventuras”, do Grupo de Estudos do Lazer (GEL). **Conclusão:** Através da digressão aqui realizada, verificamos que atividades de aventura podem ser implementadas em meio aos conteúdos da Educação Física escolar, sendo uma alternativa enriquecedora diante das atividades tradicionais vivenciadas no âmbito da disciplina. Nesse sentido, os professores não só podem como devem ser estimulados a mobilizar esse conteúdo nas aulas, uma vez que tais atividades apresentam uma boa recepção por parte dos alunos.

Palavras-chave: Atividades de aventura; Educação física escolar; Escola de aventuras; Esporte.

Abstract

Objective: This article aims to present models of teaching adventure activities in the context of Physical Education (PE) classes. **Methods:** The research method used was the bibliographic, through exploratory dynamics, plus the use of the observation technique to collect empirical data. **Results:** Initially, in the first part of the research, we highlighted the centrality of sport

from the literary review that refers to the 1980s, a period marked by the numerous contingents of theoretical publications on school PE. Then, in the second section of the study, we discussed about adventure activities in conceptual, analytical and terminological terms. Finally, in the last section of the study, we presented teaching models on adventure activities based on the experiences acquired with the extension project “Escola de Aventuras”, from the Leisure Studies Group (GEL). Conclusion: Through the investigation carried out here, we found that adventure activities can be implemented in the context of school Physical Education content, being an enriching alternative to the traditional activities experienced within the discipline. In this sense, teachers can and should be encouraged to mobilize this content in class, as these activities have a good reception from students.

Keywords: Adventure activities; School physical education; Adventure school; Sport.

Resumen

Objetivo: Este artículo tiene como objetivo presentar modelos de enseñanza de actividades de aventura en el contexto de las clases de Educación Física (EF). Metodología: El método de investigación utilizado fue el bibliográfico, a través de dinámicas exploratorias, más el uso de la técnica de observación para la recolección de datos empíricos. Resultados: Inicialmente, en la primera parte de la investigación, destacamos la centralidad del deporte a partir de la revisión literaria que hace referencia a la década de los 80, un período marcado por el numeroso contingente de publicaciones teóricas sobre EF escolar. Luego, en la segunda sección del estudio, hablamos de actividades de aventura en términos conceptuales, analíticos y terminológicos. Finalmente, en el último apartado del estudio, presentamos modelos didácticos sobre actividades de aventura basados en las experiencias adquiridas con el proyecto de extensión “Escola de Aventuras”, del Grupo de Estudios del Ocio (GEL). Conclusión: A través de la digresión aquí realizada, se verificó que las actividades de aventura se pueden implementar en los contenidos de Educación Física del medio escolar, siendo una alternativa enriquecedora a las actividades tradicionales vividas en el ámbito de la disciplina. En este sentido, se puede y se debe incentivar al profesorado a movilizar este contenido en las clases, ya que estas actividades tienen una buena recepción por parte de los alumnos.

Palabras clave: Actividades de aventura; Educación física escolar; Escuela de aventuras; Deporte.

1. Introdução

O presente artigo se desenvolveu em decorrência das preocupações sobre a função educativa da Educação Física (EF) e suas contribuições no processo formativo dos jovens escolares. Percorrido aproximadamente 40 anos após o movimento de releitura da área, relatos e experiências empíricas revelam que, na prática, ainda há professores adeptos à dinâmica do “joga a bola”; indicando poucas mudanças referentes ao ensino dos conhecimentos pertencentes à EF, ilustrando, portanto, um cenário em que os métodos e conteúdos inseridos nos contextos das aulas desestimulam ao invés de entusiasmar e afastam ao invés de congregar, conferindo à área uma posição desfavorável em relação às outras disciplinas dentro do âmbito escolar.

Tais inquietações nos levaram a refletir possibilidades de construção de uma EF mais prazerosa, dinâmica e respeitosa, com conteúdos que possam trazer novas formas de interação do indivíduo consigo e com os outros. É nesse contexto que pensamos em problematizar as formas e possibilidades de objetivar uma modalidade não tradicional nas aulas de EF, a exemplo das atividades de aventura. Tais anseios despontam a partir de reflexões sobre as possíveis contribuições das atividades de aventura para o processo de formação dos jovens escolares, assim como sua interconexão com os objetos e objetivos das aulas de EF.

Para dar conta de responder a esse questionamento, achamos interessante dividir as discussões em três momentos. O primeiro, denominado “Aspectos históricos da relação entre Educação Física escolar e esporte” traz uma reflexão acerca das abordagens pedagógicas da EF e suas relações com o esporte no processo de ensino aprendizagem. Já em um segundo momento, com o título “Atividades de aventura: de fora para dentro da escola” verificamos a possibilidade do uso dos esportes de aventura no contexto escolar, não com o objetivo de sobrepor os demais esportes, mas como uma nova possibilidade de prática esportiva nas aulas de EF e, por fim, na terceira parte “Escola de aventuras: apontamentos de ensino para as atividades de aventura no meio escolar” são apresentados três modelos de ensino desenvolvidos no do projeto de Escola de Aventuras do Grupo de Estudos e Lazer (GEL) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

2. Metodologia

Na tentativa de contemplar as proposições expressas, buscaremos referencial teórico na literatura vigente que versa sobre a EF escolar através de um recorte temporal que desperta na década de 1980; caracterizando a pesquisa como bibliográfica. Utilizaremos também a técnica

de observação para analisar os métodos e formas de ensino utilizadas pela Escola de Aventuras¹, junto a seus professores, no trato pedagógico. Os modelos aqui exemplificados foram planejados para o ensino fundamental séries iniciais, precisamente para alunos da faixa etária entre seis e sete anos.

Sendo esta pesquisa de caráter exploratório, temos como intento não esgotar a discussão, mas seguir os preceitos de Gil (1999) quando salienta que a pesquisa exploratória busca desenvolver, esclarecer e modificar ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses para estudos posteriores. Assim, o presente estudo procura abaladamente exprimir reflexões que incidirão novas possibilidades de compreender o potencial formador da EF escolar através de novas formas de ensino, procurando contribuir com o conjunto de professores comprometidos com os preceitos pedagógicos da área.

3. Resultados e Discussão

3.1 Aspectos históricos da relação entre Educação Física escolar e esporte

A materialização da EF como componente curricular é remetida desde os meados do século XIX, e seu desenvolvimento pode ser interpretado como uma construção conflituosa e permeada de contradições (Bracht, 1999). Na literatura vigente, vários autores buscam compreender e analisar as determinações que levaram a sua efetivação no campo escolar – com ênfase em uma lógica externalista – assim como a sua função e os possíveis interesses que estavam como pano de fundo de sua trajetória histórica (Oliveira, 1995; Kunz, 1991; Betti, 1991, 2001; Darido, 2012).

Como área de conhecimento, a EF escolar desenvolveu-se sob influência majoritária das ciências biológicas, de acordo com a historicização tecida por autores a exemplo de Medina (1983), Bracht (1989), Betti (1991) e Soares et al. (1992), que empreendem análises históricas convergentes em relação ao desenvolvimento dessa área no campo educacional. É possível notar que, nas respectivas construções teóricas, a EF fora sendo transformada como disciplina curricular através das determinações macroestruturais ou, em outras palavras, em razão das influências das instituições médicas, militar e desportiva, que buscavam através da EF continuar reproduzindo o ideário hegemônico (Caparroz, 1997).

¹ Escola de aventuras trata-se do laboratório empírico desta pesquisa, onde foram realizadas as observações para a captação das informações socializadas neste estudo.

A década de 1980 denota um período importante para a EF escolar em termos de formulações e proposições teóricas. Diversos autores, na tentativa de analisar a trajetória histórica da área, buscavam ou sinalizavam para uma “renovação” da EF, no intuito de recriar novas abordagens pedagógicas. Surgem então várias abordagens teórico-metodológicas com o intuito de fundamentar as bases de uma insólita EF que se avizinhava, considerando não somente as estruturas biológicas do ser humano, mas também os aspectos sociais, afetivos e culturais. Derivadas do processo de formulações teóricas que tratavam de apresentar direcionamentos pedagógicos para profissionais da área, assim como redefinir o objeto da EF, encontram-se as abordagens “Educação Física Humanista”² (1985); “Educação Física Escolar: Uma Abordagem Desenvolvimentista”³ (1988); “Diretrizes Gerais para o Ensino de 2º Grau: Núcleo Comum – Educação Física”⁴ (1988); “Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física”⁵ (1989); “Educação Física Escolar: Uma Abordagem Fenomenológica”⁶ (1991), “Educação Física e Sociedade”⁷ (1991); “Metodologia do Ensino de Educação Física”⁸ (1992).

O composto de produções científicas desenvolvidas nesse período despontou novos conceitos com o objetivo de balizar a prática pedagógica da EF. Levando em consideração as nuances contidas entre as propostas elaboradas, é possível identificar que o conjunto de proposições contribuiu para que as discussões acerca do que deveria ser a EF adquirissem contornos mais humanísticos, enfatizando termos correspondentes com conceitos e proposições advindas da Sociologia, Filosofia, História e Psicologia, evidenciando que o movimento humano, ao tempo que é biológico, também se manifesta como fenômeno social.

Essa gama de produções que, de acordo com Caparroz (1997), pôde ser dado e semeado através de teses, artigos acadêmico-científicos, livros e propostas curriculares para o ensino de EF nos estados e municípios, também auxiliou a balizar quais seriam os conteúdos estruturantes da EF escolar. Soares et al., (1992) sugerem que a EF corresponde ao conjunto de atividades expressivas corporais, dentre os quais estariam os jogos, esportes, danças, ginástica, expressões essas que configuram uma área de conhecimento. Teóricos como Bratch (1989) também buscam traduzir os novos conteúdos pedagógicos da EF escolar, sendo que seus meios poderiam

2 Obra desenvolvida por Vitor Marinho de Oliveira.

3 Obra desenvolvida por Edison de Jesus Manoel, Eduardo Kokubun, Go Tani e José Elias de Proença.

4 Obra desenvolvida por Lino Castellani Filho.

5 Obra desenvolvida por João Batista Freire.

6 Obra desenvolvida por Wagner Wey Moreira.

7 Obra desenvolvida por Mauro Betti.

8 Obra desenvolvida por Celi Nelza Zülke Taffarel, Carmen Lúcia Soares, Maria Elizabeth Medicis Pinto Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht.

ser representados pelos esportes, danças, jogos e a ginástica, conteúdos abarcados como atividades pedagógicas dentro da temática do movimento corporal. Assim, apercebe-se que os escritos, além de apresentarem modelos de ação cada qual com sua especificidade, também expõem conteúdos para orientar a ação prática profissional.

Apesar de sinalizar diferenças da EF que era praticada anteriormente às produções suscitadas, o movimento de “renovação” carrega consigo uma proposta de conteúdo – a exemplo do esporte – que operava em partes a EF das décadas anteriores e recebera críticas pelas formas didático-pedagógicas que fundamentavam sua concepção. Podemos analisar essa afirmativa em Santin (1984, p.146) ao reforçar que “[...] esta direção para o desporto não inclui, necessariamente, que seja dirigida para o bem estar ou o equilíbrio orgânico do indivíduo, mas sugere, mais seguramente, a ideia de rendimento e produtividade exigida para a prática de determinada modalidade esportiva”. O mesmo ocorre com Ferreira (1984, p.20) quando exprime reflexões acerca da EF esportivizada. O autor discorre que “identificada com o esporte-espetáculo, a EF vem incorporando valores que contradizem os ideais explícitos em documentos nacionais e internacionais relativos à educação”. Soares et al. (1992, p.54) também tecem críticas quando apontam que “essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola”.

Os juízos dirigidos ao desporto na EF escolar ocorrem, segundo os mesmos, em uma conjuntura onde o seu trato pedagógico não era fundamentado na dimensão sociocultural, ou seja, o ensino do esporte era predominantemente findado nos aspectos técnicos e de rendimento. Nessa esteira, cabe destacar que o presente artigo não busca investigar as diferenças de ensino-aprendizagem do esporte no período anterior às referidas abordagens, tampouco sobre as mudanças desse ensino após as elaborações teóricas, já que esse esforço demandaria um trato mais aprofundado. Todavia, por meio da breve digressão aqui realizada, pudemos verificar que o esporte sequer saiu da pauta de conteúdos estruturantes da EF escolar, se caracterizando como uma manifestação medular dentre os conjuntos de práticas manifestadas socialmente, em que pesem, é claro, as divergências sobre seu trato no campo da EF.

Através destas premissas e entendendo o esporte como componente central da EF, o estudo aqui socializado, na sequência, procura refletir sobre as modalidades esportivas não tradicionais que fogem do quadrante dos esportes mais praticados na escola, a exemplo do futebol, basquetebol, voleibol e handebol. Subjacente a esse desiderato, no próximo tópico, adentramos na proposta da pesquisa, que seria apresentar modelos de ensino de atividades não tradicionais nas aulas de EF, representadas nesse artigo pelas atividades de aventura.

3.2 Atividades de aventura: de fora para dentro da escola

As atividades de aventura conformam um conjunto de práticas que despontam com maior robustez a partir da década de 1980 e que oferecem a seus adeptos sensações e significados singulares quando comparadas a outras expressões que configuram o conjunto de práticas corporais reconhecidas socialmente. De acordo com Zimmermann (2006), as atividades de aventura surgiram conjuntamente a novos paradigmas, centradas especialmente na autorrealização e melhora da qualidade de vida. Pelas suas características de incerteza e liberdade, as atividades de aventura podem sugerir uma crítica ao racionalismo da modernidade.

Miranda, Lacasa & Muro (1995) percorrem análises convergentes ao atribuir algumas características às atividades de aventura que corroboram com a crítica a valorização do racionalismo. Para os autores, o fato dessas não estarem sujeitas a uma regulamentação de horários, podendo ser realizadas em intensidades e ritmos a gosto do usuário, com possibilidades de modificação de acordo com as necessidades emergidas, acabam por definir particularidades a sua prática em comparação com outras atividades corporais.

Outro aspecto marcante das atividades de aventura é sua relação próxima com o meio natural, oferecendo aos praticantes um contato aproximado com a natureza. Nesse sentido, a importância dada ao conhecer o clima, ou o tempo, como é encontrado em muitos relatos de praticantes, indica não só uma relação direta com o meio, mas também o caráter criativo de um mundo em constante transformação (Zimmermann, 2006). Talvez aqui encontremos o principal atrativo das atividades de aventura, expresso na possibilidade de se integrar com a natureza – por mais que seja de forma temporária –, caracterizando uma alternativa concreta para indivíduos que anseiam por um afastamento temporário dos grandes centros urbanos com o intuito de recarregar as energias para retomar as tarefas do cotidiano.

Como já mencionado anteriormente, as atividades de aventura adquirem maior notabilidade nos meados da década de 1980, momento em que essas práticas motrizes emergem a partir de adaptações de antigas formas de movimento e interação com o meio natural. Como exemplo, podemos retratar a jornada da primeira ascensão documentada referente a uma escalada ao topo de uma montanha, fato referenciado no ano de 1336, com o poeta italiano Francesco Petrarca, que subiu o Mont Ventoux⁹ (1.912m) na França. Petrarca não tinha pretensões de desenvolver uma nova modalidade esportiva, porém logrou destaque por

⁹ O Monte Vantor ou Monte Ventoux é uma montanha que faz parte dos Alpes Ocidentais e está situado no departamento francês de Vaucluse, na região de Provença-Alpes-Costa Azul.

descrever com detalhes todo o percurso realizado, sendo considerado para alguns historiadores o “Pai do Montanhismo”. Atualmente, o número de praticantes do montanhismo se multiplicou, tendência corroborada pela crescente comercialização e tecnologização de sua prática, fato que pode ser reportado também a outras atividades de aventura, tais como *trekking*, rapel, *skate*, *slackline*, surfe, mergulho, *rafting*, arborismo, entre outras modalidades que configuram o campo das práticas esportivas.

O aumento de oferta e demanda das atividades de aventura proporcionou uma atenção maior para seu entendimento no campo das produções científicas, havendo correlações de sua temática com as categorias lazer e tempo livre; ecologia e meio ambiente; riscos; tecnologia; esporte; demonstrando e reforçando as suas possibilidades de interpretação e significação no meio acadêmico. Para Pimentel (2013), concorrem diferentes propostas de delimitação do objeto, estando essa pluralidade evidente nas diferentes terminologias utilizadas no campo acadêmico, a exemplo de “atividades físicas de aventura na natureza” (Betrán, 2003), “práticas corporais de aventura” (Inácio et al, 2013), “esportes radicais” (Uvinha, 2001), “esportes na natureza” (Dias, 2007), “esportes de ação” (Brandão, 2010). Ainda de acordo com o Pimentel (2013, p.688) “as características listadas para cada termo nem sempre coincidem, mas é bastante recorrente a denominação esporte, seguida por algum adjetivo como vertigem, risco ou aventura”. Não obstante dessas possibilidades interpretativas, também há uma preocupação em debater a temática através do prisma pedagógico, partindo da viabilidade de sua inserção na escola e, em especial, nas aulas de EF.

É dessa forma que Tahara & Filho (2013) buscam se apropriar dos elementos inerentes às atividades de aventura dentro do contexto escolar. De acordo com os autores, essas práticas podem se concretizar “sem diferenciação de gênero, habilidades motoras, questões culturais e/ou interesses competitivos”. Tais características facilitariam sua inserção nas aulas de EF, já que abarcariam tanto meninos como meninas, não havendo a necessidade de grandes habilidades motoras para sua efetivação, ou seja, são atividades inclusivas que podem possibilitar aos alunos a participarem de forma conjunta, solucionando um dos desafios da EF escolar materializada na falta de interesse ou segregação dos próprios alunos.

Outros autores também buscam viabilizar ou analisar as possibilidades de inclusão das atividades de aventura na escola, tal como Franco (2010) que as interpreta como conteúdos que possam atingir os objetivos das aulas de EF, referente ao desenvolvimento dos aspectos afetivos, cognitivos e motores dos alunos, mesmo que essas experiências sejam adaptadas em razão da estrutura precária das escolas brasileiras, além de Corrêa et al. (2020), que discute a

emergência das práticas corporais de aventura (PCA) na EF escolar e a possível correspondência desses conteúdos e formas de ensino com o programa reflexivo da EF.

No cenário tradicional das aulas de EF, há majoritariamente uma tendência de ensino pautado nas práticas de futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Tal afirmativa é corroborada por autores como Darido (2004, p.77), ao afirmar que a “Educação Física, em função da ênfase esportiva, tem deixado de lado importantes conhecimentos produzidos ao longo da história da humanidade, como as danças, as lutas, os esportes ligados à natureza, os jogos, bem como o conhecimento sobre o próprio corpo, e que podem se constituir em objeto de ensino e aprendizagem”. Esta proposta pode inibir os alunos de participarem ativamente das aulas, visto que não são todos que dispõem das capacidades motoras condizentes com a excelência de performance que essas atividades exigem, acarretando e contribuindo para o processo de evasão dessas aulas. Como já exposto anteriormente, as atividades de aventura não exigem do praticante alto rendimento se ajustadas às possibilidades motoras dos alunos, tampouco necessita ser revestida de caráter competitivo, o que resulta em uma prática mais espontânea e contemplativa.

Cabe ponderar também que as reflexões incididas neste artigo não tem por objetivo sugerir que as atividades de aventura devam suplantar as práticas motrizes tidas como tradicionais nas aulas de EF, ao contrário, visamos que elas complementem a estruturação do currículo através de sua inserção tanto no ensino fundamental como ensino médio, adaptando suas exigências para cada faixa etária, com fins a valoriza-la como uma atividade constituída através do movimentar-se humano, e que representa o conjunto de manifestações corporais que podem se traduzir no ambiente escolar. É no lastro desse entendimento, que apontaremos na seção subsequente as possibilidades de ensino das atividades de aventura para o ensino fundamental séries iniciais.

3.3 “Escola de aventuras”: apontamentos de ensino para as atividades de aventura no meio escolar

Neste tópico, discorreremos nossas contribuições na apresentação de modelos de ensino sobre e para as atividades de aventura no meio escolar. Discutido o esporte como conteúdo predominante nas abordagens teóricas produzidas nas últimas décadas, voltar-nos-emos para que, de um lado, este artigo estimule a reflexão de professores sobre o ensino de conteúdos não tradicionais, partindo das atividades de aventura e, por outro, que os modelos aqui apresentados possam, em alguma medida, servir como fonte de inspiração para a produção e socialização e

de novos modelos de intervenção baseados nos diferentes contextos sociais em que os educadores se inserem.

Os modelos de ensino socializados neste artigo são provenientes do projeto de Escola de Aventuras do Grupo de Estudos e Lazer (GEL) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). A Escola de Aventuras é um projeto de extensão que ocorre desde o ano de 2010 que tem como objetivo ofertar a vivência de atividades motoras associadas a dinâmica das práticas de aventura para crianças em fase escolar. Ademais, cabe destacar que o projeto tem vinculação com o Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL servindo, portanto, como laboratório empírico para pesquisas e formação profissional de discentes dos mais diferentes níveis do ensino superior.

Além do exposto, é oportuno mencionar que o programa Escolas de Aventura se notabiliza também pelo caráter multidisciplinar, uma vez que por meio das atividades de aventura procura-se estabelecer temas geradores articulados com outras disciplinas, tais como matemática, línguas, artes e geografia. Subjacente a essa organização, durante o ano letivo os professores e discentes, integrantes do GEL, preparam e fornecem aulas a alunos das séries iniciais do ensino fundamental baseadas em modalidades esportivas de aventura, como parkour, slackline, skate, escalada e orientação. Em linhas gerais, é nessa perspectiva de trabalho que o projeto Escola de Aventuras se encaminha.

Brevemente esboçada algumas das características do projeto, convém agora apresentar alguns dos modelos de intervenção elaborados pelos professores do programa, que podem servir como exemplo para aplicação no ambiente escolar para educadores. Para tal exposição, vale destacar que os modelos de aulas aqui socializados foram obtidos através da observação de campo. Isto é, as informações coletadas para esse estudo não se deram a partir da leitura de outros materiais, tampouco ocorreram em função de outros meios senão as averiguações empíricas do referido grupo de estudos. Dito isso, na sequência apresentaremos três modelos de aula, que poderão aclarar possibilidades pedagógicas de ensino das atividades de aventura. O exemplo que trazemos aqui é referente às intervenções que ocorreram com as turmas do 1º ano do ensino fundamental, abarcando crianças de seis e sete anos. Ademais, vale sublinhar que os modelos disponibilizados na sequência denotam a experiência observada pelos pesquisadores. Isto é, optamos por essa dinâmica para descrever como as aulas ocorreram em sua tessitura mais natural possível, a fim de evitar apresentar informações muito engessadas ou que não condissessem com o que foi observado.

Modelo 1: Nessa primeira exposição de aula, o tema gerador foi “Noções de altura”, ou seja, todas as modalidades tentaram se aproximar-se da proposta. Na *escalada*, pudemos

averiguar que houve dois momentos distintos. Inicialmente, o monitor discutiu junto às crianças os suportes de segurança (mosquetão, cadeirinha, cordas) e sua importância na hora de realizar a atividade. Já no segundo momento, o monitor desafiava cada criança para que tentassem atingir o ponto mais alto da parede de escalada, e conseqüentemente colar um adesivo junto à parede. Na *corrida de orientação*, o monitor responsável também dividiu a dinâmica em dois momentos. No primeiro, os alunos estudaram o mapa da escola para localizar os pontos de marcação. Posteriormente, percebeu-se que as marcações estavam nas árvores da escola e os alunos tinham que, além de encontra-las, averiguar quais delas eram mais altas. No *skate* percebemos que houve uma dificuldade em atrelar a prática da modalidade com o tema gerador. No *parkour*, os alunos tinham que ficar pendurados na parede e colocar o pé o mais alto possível para que o monitor pudesse marcar com um giz. Posteriormente a marcação de todos os alunos, o monitor mediou a dinâmica em função da altura que cada aluno conseguiu atingir com o pé, podendo comparar quem atingiu a altura mais elevada. Por fim, no *slackline* houve uma comparação entre a altura da fita e de outros objetos, tais como bancos, tocos de árvore, muretas, etc. Os alunos puderam comparar se a fita do slackline estava numa altura superior ou inferior aos respectivos comparativos.

Modelo 2: Nessa segunda exposição, o tema gerador foi “Quantidade e sinal de igual e diferente”. Na modalidade *escalada* o monitor desafiou os alunos para que chegassem o mais alto possível. Quem atingisse o ponto mais alto naquela rodada, respondia uma pergunta através dos sinais de igual ou diferente. Na *corrida de orientação* os alunos inicialmente apreenderam as coordenadas através de figuras de papel. Posteriormente, brincaram de morto-vivo com o monitor dizendo os pontos cardeais (norte, sul, leste, oeste) sendo que, de acordo com o ponto cardinal, cada aluno tinha que pular para frente, atrás, esquerda e direita. Posteriormente, o professor colou alguns papéis com números e objetos, em que os alunos tinham que contar a quantidade de passos que deviam realizar para chegar aos papéis além de identificar diferenças entre os números e objetos. No *skate* o monitor mostrava imagens com frutas para os alunos, que tinham que associar com sinais de iguais ou diferentes. Após a rodada onde todos participavam cada aluno tinha que pegar o skate e realizar uma travessia. O aluno, ao atingir a chegada, devia dizer o número de remadas que realizou no skate para atravessar o percurso. No *parkour* houve certa dificuldade para atrelar a prática junto ao tema gerador. Inicialmente, os alunos realizaram uma brincadeira de pega-pega. Posteriormente, assistiram alguns vídeos sobre parkour e ao final realizaram duas brincadeiras. Na primeira os alunos eram estimulados a dançar enquanto a música tocava, sendo que, ao parar a música, todos tinham que saltar para dentro do bambolê que se encontrava no chão. Na outra brincadeira, as crianças jogavam um

dado que tinha como opções o felino e o sapo, em que cada um realizava saltos referentes aos dois animais. Todas as crianças tinham que comparar os respectivos saltos, respondendo se era salto de felino ou sapo. Por fim, no *slackline* também se evidenciou algumas dificuldades de articulação a prática junto ao tema gerador. Percebemos que as crianças andaram na fita e posteriormente realizaram um jogo onde cada um recebia fichas com números para que pudesse haver comparações entre elas, já que cada criança classificava como igual ou diferente os números dos colegas com o seu respectivo número.

Modelo 3: Na terceira e última exposição, o tema gerador foi “Conceito de unidade, dezena e meia-dezena”. Na modalidade de *escalada*, os alunos capturaram papéis com desenhos de frutas no alto da parede. Ao final, contaram a quantidade de frutas e responderam se elas se referem à unidade, dezena ou meia-dezena. Na *corrida de orientação* os alunos estudaram o mapa da escola, e cada um recebera um número escrito por extenso, a conferir como exemplo: quatro dezenas. Realizado o estudo e pegou o número, o aluno deslocava-se até a marcação de destino. Na modalidade de *skate* os alunos recebiam um papel com símbolos que remetiam a unidades e dezenas, tendo como objetivo diferencia-las. Realizada a dinâmica, o aluno completava o circuito de skate. No *parkour* o monitor colocou dez bolinhas dentro de um arco ao chão solicitando que os alunos corressem até o arco e pegassem a quantidade de bolinhas que foi pedido. No *slackline* percebemos que houve dificuldade em atrelar a prática com o tema gerador.

De modo geral, os três modelos evidenciam algumas atividades do campo dos esportes de aventura que podem ser utilizados no ambiente escolar. Como pudemos notar durante as observações, em que pesem os esforços dos professores em criarem situações híbridas entre conhecimentos multidisciplinares e práticas de aventura, nem sempre todas as atividades funcionam como esperado. No entanto, ainda que notadas algumas dificuldades, percebe-se que os esportes de aventura não só podem como devem ser mobilizados como escopo de intervenção da EF. O relato aqui apresentado é sugestivo e dá algumas indicações de como os educadores podem pensar as aulas em relação a essa temática e que dificuldades poderão encontrar.

4. Considerações Finais

O presente trabalho teve como intento esboçar algumas formas de ensino das atividades de aventura no meio escolar junto às aulas de EF. Dentro dessa proposta de pesquisa, preliminarmente averiguamos que o esporte nunca saiu da pauta de conteúdos estruturantes, levando-se em consideração as construções e abordagens teóricas tecidas nos últimos quarenta

anos, momento em que houve maior número de produções acerca da EF que contemplassem seus conteúdos, objetivos e objeto.

Partimos de uma premissa lógica e reflexiva; se o esporte nunca foi considerado secundário como conteúdo estruturante das aulas, por que não pensá-lo através de novas possibilidades concretas, ou melhor, por que não compreender o esporte por uma perspectiva destradicionalista, entendendo-o como um conjunto de práticas que não se restringe apenas a quatro modalidades principais, mas refere-se a inúmeras alternativas que podem ser aplicadas na escola de acordo com o contexto local de atuação? Do contrário, qual seria a motivação implícita dos alunos frente às aulas de EF?

A técnica de observação permitiu constatar que as propostas didático-pedagógicas obtiveram sucesso se levarmos em consideração a motivação e engajamento dos alunos durante as intervenções, corroborando a hipótese de que as atividades esportivas tidas como não tradicionais podem se realizar paralelamente aos esportes já estabelecidos no contexto escolar.

Em suma, as impressões empíricas colhidas das intervenções realizadas são elementos de encorajamento para que nos arrisquemos a implementar conteúdos inovadores nas aulas de EF, já que, de outra forma, podemos reduzi-la a uma prática pedagógica que se ancorou nas tradições do passado e que reluta a se reinventar. Esse somente é um dos combates que temos que enfrentar nesse espaço conflituoso, contraditório e entusiasmante que é a EF brasileira.

Referências

Betrán, J. O. (2003). Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In H. T. Bruhns, A. Marinho (Eds.). *Turismo, lazer e natureza*, 157-202. São Paulo: Manole.

Betti, M., Ferraz, O. L., & Dantas, L. E. P. B. T. (2011). Educação física escolar: estado da arte e direções futuras. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, 25, 105-15.

Betti, M. *Educação Física e sociedade*. (1991). São Paulo: Editora Movimento.

Bracht, V. (1989). Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. *Journal of Physical Education*, 0(1), 28-33.

- Bracht, V. (1999). *Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí, Editora Unijuí.
- Brandão, L. (2010). Esportes de ação: notas para um estudo acadêmico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 32(1), 59-73.
- Caparroz, F. E. (1997). *Entre a Educação Física da escola e a Educação Física na escola: A Educação Física como componente curricular*. Vitória: Centro de educação física e desportos.
- Corrêa, L. V. De O. M., Badaró, Luiz Fernando, S., Juliano, P. G. G. de A. *Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na educação física escolar*. *Humanidades & Inovação*, 7(10), 2020.
- Darido, S. C. (2004). A Educação Física na Escola e o Processo de Formação dos não Praticantes de Atividade Física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 18(1), 61-80.
- Darido, S. C. (2012). *Diferentes concepções sobre o papel da educação física na escola*. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41548/1/01d19t02.pdf>
- Dias, C. A. G., Melo, V., Alves júnior, E. D. (2007). Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7, 65-95.
- Ferreira, V. L. C. (1994). *Prática de Educação Física no 1 grau; modelo de reprodução ou perspectiva transformação?* São Paulo: IBRASA.
- Franco, L. C. P. (2010). A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. In *Anais 5º CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura*. São Paulo, Brasil: Editora Lexia.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Inácio, H. L. D., Silva, A. P. S, Pereti, É., & Liesenfeld, P.A (2005). Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. In A. M. Silva, I. R. Damiani (Eds.). *Práticas corporais* (pp. 81-105). Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte.
- Kunz, E. (1991). *Educação física: ensino & mudança*. Ijuí: Unijuí.

Medina, J. P. S. (1983). *A educação física cuida do corpo... e “mente”*: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas: Papirus.

Miranda, J., Lacasa, E., & Muro, I. (1995). Actividades físicas en la naturaleza: un objeto a investigar - dimensiones científicas. *Apunts: Educación Física y Deportes*, 41, 53-70.

Oliveira, V. M. (1985). *Educação física humanista*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

Pimentel, J. G. A. (2013). Esporte na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 35(3), 687-700.

Pimentel, J. G. A., Zanon, A. C., Lima, C. M. (2017). Atividades de aventura como tema gerador na escola: proposta pedagógica do grupo de estudos do lazer. In *Anais 35º SEURS – Seminário de Extensão Universitária da Região Sul*, Foz do Iguaçu, Brasil: UNILA.

Santin, S. (1984). Educação Física e Desportos: uma abordagem filosófica da corporeidade. *Kinesis*, 143-156.

Soares, C. L., Taffarel, C. N. Z., Varjal, E., Castellani Filho, L., Escobar, M. O., Bracht, V. *Metodologia de ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez. 1992.

Tahara, A. K., Filho, S. C. (2013). A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. *Arquivos de Ciências do Esporte*, 1(1), 60-66.

Uvinha, R. R. (2001). *Juventude, lazer e esportes radicais*. Barueri: Manole.

Zimmermann, A. C. (2006). Atividades de aventura e qualidade de vida - um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina. *Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires*, 10(93), 1-9.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Luiz Fernando Badaró – 30%

Vinicius Machado de Oliveira – 10%

Verônica Volski Mattes – 10%

Pedro Henrique Iglesias Menegaldo – 10%

Rafael Augusto Marques dos Reis – 10%

Neidiana Braga da Silva Souza – 10%

Marcos Roberto Brasil – 10%

Juliano de Souza – 10%